

Conto literário *Venha ver o pôr-do-sol:* uma análise psicanalítica

The literary tale Venha ver o pôr-do-sol: a psychoanalytic analysis

André Oliveira Silva¹; Alcimar Miguel Soares¹; Carlos L. M. Holanda¹; Lygia Vampré Humberg²

¹Graduados em psicologia – Uninove.

²Mestre em Ciências – FM/USP, Membro do Depto. de Psicanálise – Instituto SEDES SAPIENTIAE, Especialista – FSP/USP e Professora – Uninove.

Endereço para correspondência

André Oliveira Silva
R. Arujá, 250 – Pq. Bandeirantes
06268-080 – Osasco – SP [Brasil]
andre_osilva04@hotmail.com

Resumo

Objetivo: O objetivo neste trabalho foi realizar uma breve articulação entre o papel do personagem Ricardo, do conto literário *Venha ver o pôr-do-sol*, de Lygia Fagundes Teles, à luz da teoria psicanalítica, buscando compreender como alguém que parece tanto amar seu companheiro ou companheira acaba matando ou machucando esse outro. Método: No âmbito da psicanálise, mencionamos autores, como Freud, Winnicott e Melanie Klein e utilizamos os conceitos de narcisismo, falso *self*, mãe suficientemente boa, posição esquizoparanoide, posição depressiva, identificação projetiva, e inveja. Resultados: Apresentamos a sinopse do conto, avançando posteriormente a discussão, objetivando compreender um pouco mais sobre esse fenômeno. Conclusão: A pesquisa revelou que o ataque ou mesmo a destruição do objeto amado pode ser compreendido como uma falha ou um trauma experimentado pelo sujeito na tenra infância; pressupõe ainda a tentativa desesperada do sujeito em livrar-se da presença desse outro que lhe causa grande sofrimento e que é sentida como persecutória.

Descritores: Amor; Dependência; Narcisismo

Abstract

Objective: This study aims to articulate the role of Ricardo, the main character of a Lygia Fagundes Teles short story with the psychoanalytic theory in order to discuss why a person that seems to love another can kill or hurt him. Method: The authors used in this research were Freud, Winnicott and Melanie Klein, and their concepts of narcissism, false self, a good enough mother, schizoparanoic disorder, depressive disorder, projective identification and envy. Results: We start making a summary of the short story then we discuss it. Conclusion: The research demonstrated that the attack or the destruction of the beloved subject could be a fail or even a trauma suffered by the subject in the childhood. It also could be a kind of desperate action to escape from this other who causes him such suffering that can be felt as a persecutory sensation.

Key words: Love; Dependency; Narcissism.

Introdução

A relação amorosa parece, desde sempre, necessária e importante para o homem. A bíblia ressalta que no início, após ter criado os céus, a terra, os seres vivos e o homem do pó da terra, Deus olhou para toda sua criação e disse: “[...] Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma adjuntora que esteja diante dele.”¹

A necessidade de relacionar-se existe desde os primórdios, o que modificam são suas maneiras. Antigamente no Brasil colonial, os casamentos não eram realizados por amor, mas sim como um negócio indissolúvel. Nessa época, a principal idéia que norteava a escolha do parceiro era a de igualdade. Casar bem significava casar com alguém que ocupasse, na sociedade, *status* de igualdade etária, social, física e moral. “[...] casem primeiro as idades, as condições, as saúdes e as qualidades; então casarão bem as pessoas; de outro modo, de antemão, levam o divórcio meio feito.”²

A frase, a seguir, do moralista Francisco de Souza Nunes, apud Del Pri (2005)², ilustra bem quais eram os parâmetros e as teses que regiam esse momento histórico: “Negócios grandes, grandes conselhos requerem; e como seja dos maiores negócios da vida (a mulher não se deve escolher por gosto); não seja o amor quem nos aconselha nessa matéria, seja antes a razão que nos dirija nesse negócio.” Segundo a autora, os recados proferidos na sociedade brasileira eram sempre os mesmos: defender a racionalidade e o bom negócio entre duas pessoas e marginalizar o amor e a paixão.

Hoje, as pessoas buscam o amor, a felicidade e as inúmeras possibilidades de escolha que também causam angústia e sofrimento, embora o cenário contemporâneo seja outro.

Calligares (1999)³ comenta que, nos dias atuais, existem muitas modalidades de vínculos amorosos e que as expectativas em relação a elas provocam, igualmente, muito sofrimento. Ele afirma que se analisarmos as queixas que levam as pessoas aos consultórios, poderemos notar que suas principais demandas estão diretamen-

te relacionadas ao laço conjugal. Para o autor, quem tem vínculo amoroso sofre e quem não o tem também sofre. O vínculo amoroso tornou-se o ideal de felicidade inatingível, como se as pessoas buscassem a salvação, a redenção pela vida numa sociedade narcisista, em que cada um é voltado para si, e pouco abalado pelos fenômenos sociais. Contudo, a necessidade do outro não aparece apenas nas relações amorosas. O relacionamento humano é pré-condição de nossa existência. Viver é ter capacidade de relacionar-se com outras pessoas³.

Para a Psicanálise, o relacionamento, além de necessário, é passo primordial na constituição do ego do sujeito; é nas primeiras relações do bebê com seus cuidadores – e com o mundo externo – que este se constitui enquanto sujeito dependente ou independente⁴.

Diante dessa imprescindível necessidade de existir na relação com o objeto (com os outros), buscaremos compreender uma questão bastante intrigante: Por que uma pessoa que tanto diz amar seu companheiro ou companheira, por assim dizer, seu objeto de desejo, acaba destruindo-o?

Para responder a essa pergunta, analisamos a relação de dependência patológica no conto literário *Venha ver o pôr-do-sol*, de Lygia Fagundes Teles⁵, analisando, em especial, a relação do personagem Ricardo com sua ex-namorada Raquel, sob a ótica psicanalítica. Dessa forma, contaremos com a contribuição dos seguintes autores: Freud⁶, Melanie Klein (apud Segal⁷, 1975) e Winnicott^{4, 8} e utilizaremos os conceitos: narcisismo, posição esquizoparanoide, identificação projetiva, inveja, mãe suficientemente boa e falso *self*.

Como esses autores, por meio dos seus conceitos, poderiam, a princípio, nos ajudar a compreender o que pode levar o sujeito a atacar e destruir quem tanta ama?

Winnicott⁸, ao pesquisar sobre o desenvolvimento emocional na fase infantil, especificamente nas primeiras relações maternas, desenvolve o conceito de “mãe suficientemente boa” e “falso *self*”. Segundo o autor, a mãe suficiente-

mente boa é aquela que propicia um ambiente bom para o desenvolvimento do bebê, ou seja, quando essa é boa de maneira suficiente, em outras palavras, quando não barra a espontaneidade do bebê (espontaneidade dos seus gestos nas suas primeiras relações com o mundo externo) e também não se ausenta de maneira demasiada, mas atende-o nas suas necessidades sem, contudo, ser invasiva.

É nas primeiras relações com o mundo externo que a criança vai buscar sua independência, externando ainda de forma sutil seus traços egoicos. Se a mãe for suficientemente boa, reforçará o comportamento do bebê, ajudando-o nesse processo de independência. Por outro lado, se a mãe não reforça o comportamento e impõe ao filho que reproduza apenas suas vontades, ela (a mãe) estará sendo invasiva e poderá impedir a autonomia dessa criança e contribuir para o desenvolvimento de um falso *self* (falso eu) ajudando, mesmo que de forma inconsciente, esse indivíduo a ser, na sua posteridade, uma pessoa muito dependente⁸.

Considerando a visão dessa relação mãe-bebê, podemos compreender que o falso *self* é o resultado de uma maternagem, insuficientemente boa, vivida pelo sujeito quando bebê. Da mesma maneira que o indivíduo, na infância, expressava, única e exclusivamente, as vontades de sua mãe ou cuidador, ao crescer, ele repete nas suas relações posteriores essa experiência. Dessa forma, a pessoa que constituiu seu ego nesse processo, torna-se muito demandante, podendo entrar em colapso quando não tem alguém para direcioná-lo sobre o que fazer, como agir diante do mundo. O sujeito não consegue ter vida em si mesmo, vive como uma eterna criança que sempre precisa de alguém para cuidar dele. Estar sem o outro, dá a ele uma sensação de vazio, de impotência. Em suma, pode-se inferir que o indivíduo não consegue se acalmar ante tal ausência, justamente, por experimentar, de forma inconsciente, a insuficiência recebida quando bebê.

O fato de o sujeito não ter tido uma mãe suficientemente boa e conseqüentemente não

ter desenvolvido o seu próprio *self*, seria uma possível explicação para a destruição da pessoa amada, pois o indivíduo não se constitui como alguém separado, e não consegue perceber e aceitar que esse outro tem vida própria e vontades diferentes das suas.

Outra forma possível para compreender a destruição do objeto amado pode ser a partir do conceito de narcisismo.

Freud⁶ supõe em seu texto sobre narcisismo, duas maneiras de amar: o amor narcísico e o amor anaclítico, mas para o desenvolvimento deste trabalho nos deteremos no primeiro. Segundo o autor, o termo narcisismo denota a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – o acaricia e o afaga até obter nele satisfação plena. Esse tipo de amor nos remete a uma das fases psicosssexuais, a fase autoerótica, em que o recém-nascido encontra satisfação no próprio corpo. No primeiro momento, o bebê é totalmente inconsciente e não se percebe como parte separada de um contexto social. Nesse estágio, ele sente o outro como uma extensão de si mesmo. Entretanto, a partir das primeiras relações com o mundo externo, ele pode se constituir sujeito que tem vida própria, passando a perceber o outro como um ser separado.

Em contrapartida, aquele que sofreu algum trauma na fase narcísica, como excesso de frustração, ou falta dessa, provavelmente ficará fixado nessa fase, em que não havia separação eu/outro. Essa dificuldade de perceber o outro como objeto externo, encerra o narcisista no princípio do prazer, por meio do qual ele não consegue postergar seus desejos e busca sempre a satisfação imediata das pulsões, uma vez que o outro não existe na sua realidade psíquica. Sujeitos com nível alto de narcisismo têm uma grande frustração diante de situações aparentemente normais, não fazer sua vontade pode transformar seu mundo em caos⁶.

Nesse contexto, outro motivo que poderia desencadear a destruição do objeto amado, seria sua dificuldade de perceber e aceitar a indepen-

dência do outro e pouca ou nenhuma tolerância a situações adversas.

A terceira explicação possível para o ataque ou destruição do parceiro amado pode ser considerada sob a ótica do conceito da posição esquizoparanoide.

Segal⁷, ao fazer uma introdução à obra de Klein⁷, descreve que a posição esquizoparanoide tem seu início na primeira infância e pode ser caracterizada pela relação que a criança estabelece com objetos parciais, como por exemplo, o seio, as mãos, a face e os olhos da mãe. Segundo a autora, a divisão dos objetos parciais estabelece-se a partir das primeiras experiências de gratificação e privação, em que a criança irá eleger dois objetos: o ideal, ligado às experiências de gratificação e o persecutório, ligado às experiências de privação.

[...] A fantasia do objeto ideal funde-se, com experiências de gratificação de amor e alimentação recebidos da mãe externa real, e é confirmada por essas experiências, ao passo que a fantasia de perseguição funde-se, de modo semelhante, com experiências reais de privação e sofrimento, as quais são atribuídas pelo bebê aos objetos perseguidores⁷.

Nesse estágio, o objetivo da criança é tentar apossar-se, introjetar e identificar-se com o objeto ideal, sentido por ela como fonte de vida e gratificação, bem como projetar o que é sentido como mau e perseguidor. A partir da relação estabelecida entre esses objetos, esse bebê constrói a fantasia de que os objetos perseguidores entrarão no ego, dominarão e aniquilarão tanto os objetos ideais como o próprio ego. Ao projetar o que é sentido como mau e introjetar o que é sentido como bom, o sujeito tenta manter os objetos perseguidores e ideais afastados o máximo possível. Além da introjeção e da projeção, o indivíduo pode desenvolver outro mecanismo de defesa nessa fase do desenvolvimento: a identificação projetiva. Tal mecanismo, por sua vez, pode ser conhecido pela projeção das partes do

eu no objeto externo com múltiplos objetivos, tais como projetar as partes más do eu a fim de livrar-se delas ou para atacar e destruir o objeto, e projetar as partes boas para evitar a separação ou manter-se a salvo de coisas más internas ou, ainda, fazê-lo para melhorar o objeto externo.

A autora ressalta que a posição esquizoparanoide é de suma importância para a constituição do sujeito, pois lhe permite atribuir valores às suas experiências e fazer discriminações importantes sobre elas. Em contrapartida, ressalta que é importante o sujeito passar da posição esquizoparanoide para a que Melanie Klein⁷ chamou de depressiva. Tal posição marca uma das mais significativas elaborações na vida do sujeito; permite que ele perceba os objetos não mais como parciais, mas sim como totais, isto é, perceber – no caso do bebê – que o seio, fonte de experiências gratificantes e de privação, pertence a uma mesma pessoa: a mãe. Dessa forma, o indivíduo apreende que uma pessoa pode ser boa e má, que pode lhe proporcionar tanto prazer como desprazer⁷.

Sob a luz do conceito kleiniano, infere-se que o que pode levar o sujeito a atacar ou destruir o objeto amado deve ser sua fixação na posição esquizoparanoide e sua projeção agressiva em relação a esse objeto, o qual, na frustração, passa a ser sentido não mais como ideal, mas como perseguidor.

A seguir, apresentaremos uma sinopse do conto, elaborada exclusivamente para melhor ilustrar as considerações aqui expostas.

Venha ver o pôr-do-sol⁵ – sinopse

“Uma ladeira tortuosa e deserta, isto é, quase deserta se não fosse a presença de algumas crianças a brincar de roda na quietude da tarde. Esguio e magro, metido num largo blusão, o jovem Ricardo, encostado em uma árvore, espera Raquel, sua ex-namorada.

Depois de muito implorar por um último encontro com a ex-, consegue convencê-la. O local descrito acima é

a frente de um cemitério, em segredo escolhido pelo rapaz. É a partir desse encontro que a trama evolui. Com a promessa de mostrar 'o pôr-do-sol mais lindo do mundo' a convida para entrar no cemitério. Amuada, mas obediente, ela se deixa conduzir e, à medida que ambos caminham em direção ao lugar escolhido, Raquel se maravilha e, ao mesmo tempo, teme todo aquele monturo que se tornara o cemitério abandonado. Ao caminhar, relembram o passado, quando namoravam e, em uma tentativa frustrada de reconciliar-se, Ricardo diz ainda gostar da jovem. Raquel deixa transparecer que o sentimento que nutria pelo jovem passara e que, no momento, namora outro rapaz, o qual é riquíssimo ao contrário dele. Depois de certo tempo, chegam a uma capela na qual Ricardo diz estar o jazigo de sua família. Com alguma resistência, Raquel entra na capela para conhecer as fotos que estavam embutidas nos gavetões. Aproxima-se de uma inscrição feita na pedra, e para conseguir enxergar em meio à escuridão, direciona o palito de fósforo que estava em sua mão e lê em voz baixa a descrição. Fica pasma. Percebe que aqueles mortos não podiam fazer parte das histórias tão emocionantes que o jovem contara, uma vez que a data gravada era de mais de cem anos. Mas compreende tarde demais. Atrás da portinhola fechada, está Ricardo que, após uma última troca de olhares, dá volta à chave e se despede. Naquela tarde Raquel ganharia o pôr-do-sol mais lindo do mundo."

Discussão

Para discutir esse assunto, selecionamos três momentos do conto que consideramos de suma importância para compreender o fenômeno inves-

tigado nesta pesquisa. Apresentaremos em cada momento, primeiramente os trechos do conto e em seguida o embasamento teórico para as discussões. Lembrado que cada uma das conclusões citadas aqui faz parte de respostas hipotéticas, considerando que cada indivíduo é único, como também o sentido atribuído às suas experiências.

Raquel – Ver o por-do-sol!... Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para está buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério [...].⁵

Começamos por observar que, depois do término do namoro, Ricardo implora dias seguidos para encontrar-se com Raquel; o que acontece depois de tantos pedidos. Como já mencionado neste trabalho, uma mãe não suficientemente boa pode ser aquela que no seu relacionamento com o bebê impede seu desenvolvimento emocional por meio de comportamentos excessivamente invasivos ou de indiferenciação em relação ao lactente.

Winnicott⁴ menciona que, quando a criança passa por uma experiência materna invasiva, ela tende, na sua posteridade, a ser submissa e reproduzir, de igual modo, o comportamento invasivo de seus cuidadores: "No caso de invasões excessivas, o estado de narcisismo primário não pode produzir um indivíduo que se desenvolva de seu cerne, mas como extensão da casca e do meio ambiente invasor."⁹

Considerando a contribuição winnicottiana, é possível depreender que a relação do jovem Ricardo pode ter funcionado nos parâmetros citados nas linhas anteriores, em que na relação com seus cuidadores o rapaz tenha se identificado com sua mãe – ou cuidador – invasiva, introjetando-a e, posteriormente, reproduzindo o comportamento materno na sua relação com a ex-namorada. Do mesmo modo que a mãe ou cuidador buscou satisfação própria, ele o fez, impondo a sua vontade, levando Raquel a um lugar

do qual tinha repúdio: “Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre”⁵. Da mesma maneira que sua mãe não atentava para suas experiências e seus desejos, ele também ignora a vontade de sua ex-namorada de não querer vê-lo.

Ferraz¹⁰, ao refletir sobre o narcisismo elaborado por Freud, ressalta que para o autor, os filhos são continuações narcísicas dos pais e de todos que a desejaram, como, avós, tios e outros. Ainda segundo esse autor, é por isso que alguns pais se desdobram para dar aos filhos oportunidades que não tiveram e procuram supri-los de todas as necessidades com os recursos que estiverem em seu alcance. Esse relacionamento de gratificações seria, na verdade, uma tentativa dos pais de resgatarem o narcisismo primário que há muito tiveram que abandonar em razão das exigências do mundo real (realidade material)¹⁰.

Se prestarmos atenção a atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. [...] sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação — “Sua Majestade o Bebê”, como outrora nós mesmos nos imaginávamos [...] No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimido pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança [...] O amor dos pais, tão comovedor e

no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior⁶.

Diante disso, podemos supor que Ricardo tenha se constituído por meio de uma relação materna altamente gratificante, na qual seus pais ou cuidadores buscaram nele, a realização dos próprios desejos que precisaram ser sublimados, em decorrência das imposições e das exigências da sociedade. No entanto, esse tipo de cuidado para com a criança, segundo Freud⁶, é danoso, pois sem frustração o eu (ego) não poderá constituir-se de forma madura e o superego não terá parâmetros reais, de forma que as fantasias onipotentes e megalomaniacas da fase narcísica se perpetuam ao longo da história do indivíduo. O autor ressalta que a frustração é primordial para a criança; uma vez que é por meio dela que se começa a perceber o outro como objeto externo e com vida independente, quebrando, assim, suas ideias onipotentes e dando-lhe parâmetros.

Por outro lado, pressupondo-se que Ricardo tenha passado por excessivas experiências de privação, da mesma forma, poderia desencadear-se a não constituição do eu (ego) maduro. Situação em que o sujeito não consegue criar condições para lidar com as demandas do id e com as exigências do superego, podendo constituir-se com parâmetros elevados e irrealis.

Segundo Kernberg, a imposição ou as imposições feitas por pessoas com traços narcísicos acentuados – como o caso de Ricardo – é na verdade uma defesa contra a dependência em relação ao objeto amado que deve ser negada. “[...] a dependência em relação ao outro é temida, na medida em que representa o reconhecimento da inveja e gratidão pela dependência; a dependência é substituída por exigências cheias de razão e frustração quando tais exigências não são atendidas [...]”¹¹.

Elucidado esse primeiro momento, passemos para a segunda citação que entendemos como sumamente relevante:

Raquel – Quer dizer que o programa...
E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

Ricardo – Estou sem dinheiro meu anjo, vê se entende.

Raquel – Mas eu pago.

Ricardo – Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico^{8[5]}.

Segundo Freud⁶, além de ser incapaz de perceber o outro como sujeito que tem vida própria, o indivíduo com alto nível de narcisismo, por essa mesma razão, tem sua vida perpassada por ideias megalomaníacas e onipotentes. Sob essa vertente, pressupomos que o sujeito narcisista não tenha, na sua vida psíquica, estrutura para depender do outro. Ter uma conta paga por outra pessoa, para esse tipo de indivíduo, seria possivelmente humilhante, ainda mais com o dinheiro pertencente a alguém que ocupara seu lugar – no caso do conto literário aqui analisado, seu rival. Aceitar o pagamento demonstraria, na verdade, não sua onipotência ou megalomania, mas sim sua dependência e fragilidade e é isso que Ricardo não suporta. Mas mesmo que ele não suporte, a satisfação de suas pulsões depende da sujeição do outro. Descobrir que seu objeto amado não só tem outra pessoa, mas que essa outra tem melhores condições financeiras é, além de frustrante, insuportável para Ricardo: “Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida.”⁵. A dependência em relação ao objeto amado precisa ser negada, o sujeito narcisista precisa ser admirado e não amado¹¹.

Ainda sobre esse assunto, Kernberg¹¹ descreve em sua obra que indivíduos com um narcisismo não-patológico têm capacidade de apaixonar-se e manter um relacionamento amoroso durante um período prolongado. Em contrapartida, afirma que nos casos mais graves de personalidade narcisista o sujeito é incapaz de apaixonar-se e seus relacionamentos tendem a ser efêmeros, como é possível observar nas pala-

bras da jovem: “[...] não entendo como agüentei tanto, imagine, um ano!”⁵.

Passemos então para o terceiro momento do conto e o desfecho da história de Ricardo.

– Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! – exclamou ela, subindo rapidamente a escada. – Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

– Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos imediatamente! – ordenou torcendo o trinco. – Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É o que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

– Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo⁵.

Considerando o desfecho do conto analisado, podemos agora compreender que o pedido que Ricardo faz a Raquel para ter com ela um último encontro – expresso nas primeiras linhas da narrativa de Lygia Fagundes Telles⁵ – era de fato literal. O que teria motivado Ricardo a prender (atacar) Raquel em um cemitério abandonado e ter ido embora?

Segal⁷ argumenta que em condições favoráveis do desenvolvimento, a posição esquizoparanoide é caracterizada (marcada) pela divisão entre os objetos bons e maus, entre um ego que ama e um que odeia e sobre predominância das experiências boas frente às más – o que é pré-condição para que o indivíduo ingresse em fases posteriores do desenvolvimento. A autora explica que as experiências verdadeiras do bebê dependem tanto de fatores internos quanto de externos. Considera que a experiência de privação materna, por exemplo, impede a gratificação tanto física

quanto mental. Mas lembra que, em alguns casos, mesmo sendo o ambiente propício a experiências gratificantes, essas podem ser modificadas, ou até impedidas, por fatores internos. Acrescenta que um desses fatores é a inveja primitiva.

A inveja é a mais primitiva das emoções e é experimentada pelo bebê, surgindo logo que esse percebe o seio da mãe como fonte de vida e de experiências boas. O seio da mãe é sentido como fonte de todo conforto físico e mental, um reservatório inesgotável de calor, de amor, de compreensão e de sabedoria. Por outro lado, essa experiência gratificante em relação ao objeto ideal, o seio, tende a aumentar a idealização sobre esse e o desejo de possuir toda sua bondade, como desperta no bebê o desejo de ser ele próprio a fonte de tal perfeição⁷.

Sob a ótica kleiniana, chegamos ao fim dessa discussão compreendendo que o motivo desencadeante do ataque de Ricardo ao seu objeto amado pode-se revelar como uma fixação do sujeito na posição esquizoparanoide na qual o ego não pode ser bem elaborado em razão da intensa inveja no que concerne ao objeto ideal⁷.

Supomos que o motivo de Ricardo prender a jovem na capela do cemitério abandonado não foi a perda do objeto, mas a intensa inveja e a impossibilidade de possuir as qualidades e tornar-se tão bom quanto esse objeto, no caso, a ex-namorada. “A inveja visa que se seja tão bom quanto o objeto; mas, quando isso é sentido como impossível, visa danificar a bondade do objeto, para remover a fonte de sentimentos invejosos.”⁷

Que qualidades da jovem – objeto ideal – poderiam ser invejadas por Ricardo?

Ao longo do conto, o rapaz ressalta que está cada vez mais pobre. Raquel por sua vez, diz que seu atual namorado é riquíssimo. Ricardo relata que vive agora em uma pensão horrenda. Raquel, por sua vez, faz-lhe inveja afirmando que iria ao Oriente a passeio com o atual namorado. Ele não consegue esquecer-la – nem consegue estabelecer novos vínculos. Raquel menciona que gostara dele, mas isso passara e que já tem outro em seu lugar.

Dentre as qualidades que podem ter sido invejadas, a capacidade da jovem de criar novos vínculos pode ter sido o principal motivo do ataque de Ricardo, por meio de uma identificação projetiva patológica – diferente da identificação projetiva “normal”, esse mecanismo de defesa patológico na forma agressiva, pode ser dirigido tanto ao objeto persecutório como ao ideal – uma vez que ao vivenciar intenso sentimento de inveja em relação ao objeto ideal, o sujeito não consegue sequer identificar-se e muito menos o introjetar. Aliás, o objeto ideal, por suscitar imensa inveja, passa a ser sentido pelo indivíduo como perseguidor. Dessa forma, o indivíduo torna-se incapaz de estabelecer vínculos afetivos e há um violento ódio de toda experiência da realidade, seja ela interna ou externa.

[...] Se a inveja primitiva é muito intensa, interfere na ação normal dos mecanismos esquizóides. O processo de divisão (splitting) em um objeto ideal e outro perseguidor, tão importante na posição esquizo-paranoide, não pode ser mantido, tendo-se em vista que o objeto ideal que da origem à inveja e que é atacado e danificado. Isso conduz a confusão entre o bom e o mau, interferindo na divisão (splitting). Como esta não pode ser mantida e como um objeto ideal não pode ser preservado, ocorre uma grave interferência na introjeção de um objeto ideal e na identificação com este. Com isso, o desenvolvimento do ego tem, necessariamente, de sofrer. Fortes sentimentos de inveja conduzem ao desespero. Um objeto ideal não pode ser encontrado e, portanto, não há esperança de amor ou de qualquer ajuda.”⁷

Concluimos que, possivelmente, o motivo que levou Ricardo a prender a jovem na capela do cemitério pode ser o mesmo que leva um sujeito a atacar ou até destruir o seu objeto de desejo: a tentativa desesperada de manter-se vivo por meio do ataque à fonte causadora do

sentimento invejoso que nesse funcionamento patológico é sentido como um perseguidor.

[...] o objeto responsável pela percepção é odiado, e a projeção visa destruir esse pedaço da realidade – o objeto odiado –, bem como a se desfazer do aparelho perceptual que o percebeu. Quando a inveja é intensa, a percepção de um objeto ideal é tão penosa quanto à experiência de um objeto mau, já que o objeto ideal suscita insuportáveis sentimentos de inveja⁷.

Conclusões

Verificamos, neste estudo, que são múltiplos os caminhos que podem levar o sujeito a atacar ou mesmo destruir sua fonte de amor. Dentre eles, pode-se destacar a hipótese da repetição de cuidados maternos invasivos – cuidados maternos não suficientemente bons – e nessa perspectiva de Winnicott⁴, a indiferença em relação ao outro aponta como um dos principais motivos. Outro caminho que poderia levar a destruição do objeto amado, pode ser compreendido a partir de Freud⁶, como uma falha ou mesmo um trauma do indivíduo na fase narcísica, deixando-o fixado nessa fase em que ainda não havia a separação eu/outro, o que acarretaria a falta de limite para respeitar esse outro, já que esse não é “visto”.

Pelo viés kleiniano⁷, pode-se destacar que o ataque ao objeto amado, não se justificaria necessariamente pela perda do objeto desejado, mas sim, pela intensa inveja em relação a ele e a impossibilidade de possuir as qualidades e tornar-se tão bom quanto o objeto ideal. De forma que o ataque ao companheiro ou companheira é visto pelo sujeito como uma defesa à fonte que suscita sentimentos invejosos e que lhe traz grande sofrimento. O ataque ao objeto amado passa a ser um mecanismo de autoconservação, “uma forma de manter-se vivo” frente à terrível perseguição por parte do objeto amado.

Por outro lado, pode-se pensar que a perda do objeto amado, signifique a perda de suas melhores partes que outrora foram introjetadas ao ego. E, sob essa perspectiva, o objeto ideal passa a ser sentido na frustração, não mais como ideal, mas como perseguidor, de maneira que o ataque ao objeto amado demonstra a incapacidade do sujeito de perceber que esse pode ser bom e mau; característica marcante da posição depressiva, a qual o sujeito não pode alcançar.

Considerando as muitas hipóteses que podem desencadear o ataque ou mesmo a destruição do objeto amado, por parte do indivíduo esquizoparanoico ressaltamos que em nenhum momento tencionamos abordar o tema por completo nas sínteses expressas neste artigo, sendo nosso objetivo primário, produzir novos conhecimentos e contribuir com novas pesquisas.

Referências

1. Bíblia, sagrada. Almeida JF. São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil; 2007.
2. Del Priori M. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto; 2005.
3. Calligares C (Org) e Cols. O Laço conjugal. Porto Alegre: Arte e Ofícios; 1999.
4. Winnicott DW. A família e o desenvolvimento do indivíduo. Belo Horizonte: Interlivros; 1980.
5. Telles, LF. Venha ver o pôr-do-sol. Seleção dos Editores. São Paulo: Ática; 1988.
6. Freud S. Introdução ao narcisismo. Edição Standard das Obras Completas de Freud. São Paulo: Imago; 1970.
7. Segal H. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago; 1975.
8. Winnicott DW. Ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Ed Artes e Ofícios; 1990.
9. Neto FO. Constituição de si mesmo e transicionalidade. In Pinto CM. O livro de ouro da psicanálise: o pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros. Rio de Janeiro: Ediouro; 2007. p. 405-12.
10. Ferraz MALM. Tecendo a subjetividade: a resolução do narcisismo na contemporaneidade [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Curso de Psicologia. PUC/SP; 2005.
11. Kemberg, O. Psicopatologia das relações amorosas. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.